

pq?

ORIGINALIDADE

lugar-comum?

Músicos e Jornalistas respondem a uma mesma pergunta sobre a originalidade no campo da criação e produção do mercado cultural brasileiro.

SEÇÕES

Música
Literatura
Cinema
Ilustração
e mais...

CAPA

Lulina
Marcelo Costa
Lucas Santtana
Julia Says
e mais...

ENTREVISTAS

Jair Naves
Lu Brina
Ana Ghandra
Daniel Liberalino

DISCOS

Nuda
Romulo Fróes
Domenico
Marcelo Camelo
e mais...

AOS LEITORES

Eis a edição número #2 de nosso e-zine. No centro de nossos interesses uma breve discussão sobre a originalidade na produção e criação artística. Os músicos Lulina, Lucas Santtana, André Conserva (Jean Nicholas) e Pauliño Nunes (Julia Says) responderam a pergunta que elaboramos, além do jornalista Marcelo Costa (Site Scream & Yell), que responde bravamente pelos *jornalistas* da capa. Juro que tentamos mais nomes, mas acredito que Costa represente bem a classe. Vocês não acham, classe?

Como de costume, algumas entrevistas já postadas no blog, microresenhas estranhas sobre alguns dos discos que ouvimos por esses meses, poemas de *feição épica carregados de metalinguagem e falso lirismo* (esse itálico é uma contribuição do heterônimo *Poeta Anônimo*), artigo sobre o poeta francês Jacques Prévert, resenha sobre o documentário musical *O lixo e a fúria*, e por fim, algumas ilustrações, além de uma charge que diz muito sobre o nosso tempo.

É isso. Divirtam-se. Té.

Os Editores.

SUMÁRIO

EDITORIAL

aos leitores 02

ENTREVISTAS

jair naves 04 | lu brina 08 | ana ghandra 14 | daniel liberalino 18

DISCOS

nuda | romulo fróes | bill callahan | eddie vedder | jair naves 11
diahum | não moro mais em mim | domenico | marcelo camelo | fabio góes 12
the dead supestars | a caravana do delíro | mario maria | rhaissa bittar | academia da berlinda 13

CAPA

lulina | lucas santtana | andré conserva | julia says | marcelo costa 23

POESIA

marcus accioly | pietro wagner 27 | waly salomão | octavio paz 28

ARTIGO

por Carlos Gomes
breve comentário sobre dia de folga, de jacques prévert 29

RESENHA

por Marina Silva
o som e a fúria 32

ILUSTRAÇÃO

murilo silva 35

CHARGE

jean-jacques sempé 37



EDITORES

Júlio Rennó
Amélie Marie

DESIGN GRÁFICO

Cécile Duchamp

HETERÔNIMOS

Alberto Infante, Barbara Woolfer, Albert Chevalier, Clarice Flor, Anônimo, Poeta anônimo e Marcel Ginsber-war

AGRADECIMENTOS

A todos os artistas que participaram do e-zine com os seus trabalhos, aos leitores que acompanham o blog.

CONTATO

outroscriticos@hotmail.com

Foto modificada por Cécile Duchamp, disponível no myspace do artista.



Recife, 06 de junho de 2010

Jair Naves coube perfeitamente naquele grupo de artistas que não caem diretamente no nosso gosto difuso por música, mas que nos provocam de muitas maneiras, e por isso acabamos por decidir convidá-lo para essa conversa. Hoje, já ouço mais a sua música. Há uns vídeos bem gravados que mostram timidamente algo do que possa ser um show seu. Recife - realmente, Anônimo - não merecia ser uma ilha. Prefiro sonhar em ver shows de gente como Tiê, Pethit, Romulo Froés, Franny Glass, entre outros; a ter que encarar essas famosas bandas velhas que vez ou outra abarcam por aqui como grandes conquistas... Estamos fora.

Você deve conhecer a velha história de que ao falarmos do nosso quintal estaremos falando do mundo, a exemplo de Guimarães Rosa, elegendo o sertão fez uma literatura universal, distante do estigma de autor regionalista. As canções do EP Araguari, a eleição de sua cidade como tema do álbum e a assinatura Jair Naves são manifestações de alguma necessidade artística que você precisou afirmar ou simplesmente viu brotar em sua música?

Um pouco das duas coisas, acho. Há algum tempo eu sentia a necessidade de abordar esse tema, mas demorou para que a ocasião certa aparecesse. Quando eu decidi passar a gravar minhas músicas sozinho e lançá-las sob o meu próprio nome, me pareceu o momento ideal para falar sobre assuntos mais pessoais, coisas relacionadas à minha família, minhas raízes, coisas sobre as quais eu me sentiria estranho falando a respeito se ainda estivesse no contexto de um grupo ou algo assim.

Não conheci a sua banda anterior, a Ludovic, e sobre ela, pergunto se é necessário matar

musicalmente as referências anteriores para se tentar construir algo novo? É seu propósito aprofundar as suas experiências em sonoridades novas ou esse disco é um desdobramento do seu trabalho anterior?

Engraçado você ter feito essa pergunta, para mim é um aspecto gritante dessa nova fase que pouca gente ressaltou. Realmente, esse disco funcionou muito na base da procura por uma sonoridade que não remetesse de imediato aos meus trabalhos anteriores. Eu quis buscar caminhos que eu ainda não tinha explorado, tentei ao máximo não me repetir. Sem contar que meu gosto musical definitivamente não é o mesmo daquela época, minhas influências tornaram-se outras, minha visão de mundo idem, enfim, me parece natural e saudável que agora minhas músicas soem de outra maneira.

Você, nas resenhas sobre o novo disco, tem sido reconhecido como um ótimo letrista, e em texto escrito por Rogério Duarte, foi compara-

do ao poeta “histericamente mais histérico” de Fernando Pessoa: Álvaro de Campos. As suas letras nascem sob o arcabouço da melodia, ritmo e arranjo da música ou tem necessidade de existir mesmo à parte do som?

Você nem imagina como me alegra esse tipo de reconhecimento. Dedico muito tempo à construção das letras, mais até do que à parte musical em si. Eu tento escrever coisas que possuam força mesmo isoladas, que causariam alguma reação ainda que fossem recitadas em vez de cantadas. Confesso que, no caso desse novo EP, fiquei receoso com a hipótese de ter escrito versos pessoais demais, quase indecifráveis para as outras pessoas. Felizmente, não parece ter sido o caso.

Ainda sobre as letras... A estrutura delas se assemelha à prosa, assim como na poesia de Álvaro de Campos. Além disso, afastam-se da estrutura clássica das canções, com seus estribilhos e refrões. É um modo de escrever que sempre esteve presente em suas músicas?

Antigamente eu me preocupava mais em fazer músicas com estrofes e refrões bem definidos. Hoje em dia eu tento criar diferentes moldes para as músicas, evito usar estruturas parecidas para todas as canções. De qualquer maneira, tenho uma enorme dificuldade para fazer esse tipo de análise do material que eu componho. Creio que sou a pessoa menos indicada do mundo para essa tarefa, é muito mais fácil para quem está de fora do que para mim. Até onde eu consigo enxergar, realmente existe esse distanciamento das típicas fórmulas de composição, mas eu não consigo dizer se é por uma opção consciente ou não, se é mais uma decorrência das influências que me rodeavam na época em que aquelas músicas foram escritas.

Quando você começou a escrever teve como referência outros músicos, poetas ou escritores? A literatura está próxima ou interfere diretamente em sua música, pelo menos de modo consciente?

*As lembranças que eu guardo de Araguari
resumem-se ao dia em que eu fugi
caçado de perto por uma multidão
decidida a fazer justiça com as próprias mãos*

*Ecoavam sermões pelas ruas dormentes
ninguém larga tudo impunemente
o abandono é a pior traição
no fim das contas, hoje eu te dou razão*

(...)

(NAVES, Jair. Araguari I. 2010)

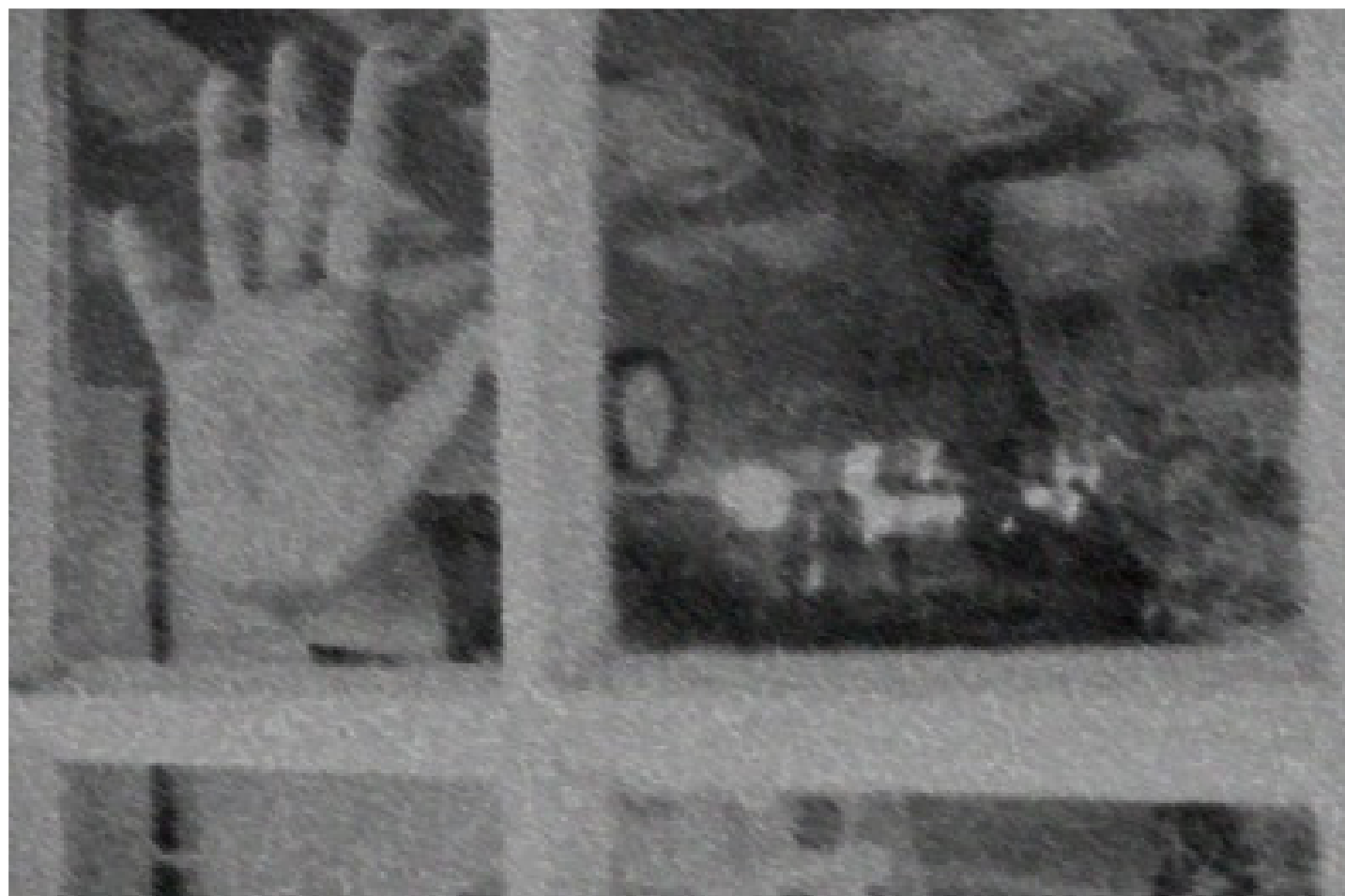
Sem dúvida. Eu só comecei a tocar porque gostava dos textos que eu escrevia e acreditava que eles poderiam se tornar boas letras de música. Sempre me considerei mais um escritor do que um músico, e ainda hoje continuo pensando assim. Dessa forma, só pra exemplificar ainda que de maneira boba, pra mim, sei lá, o Ian McEwan é tão importante ou inspirador quanto o Nick Drake, o Bob Dylan ou o Walter Franco, sabe como é? A literatura, o cinema, a música... tudo está muito ligado, acho que a influência que tudo isso exerce no que eu faço é praticamente a mesma.

Mudando um pouco de assunto, nós temos sempre perguntando aos músicos o que eles pensam ou esperam do novo mercado da música, o que esse mercado – que ninguém se arrisca a dizer pra que lado vai – influencia diretamente no modo como sua música será construída. O fato de lançar um EP é consequência de um novo modelo de produção e divulgação de música?

Não exatamente. Na época em que eu comecei a tocar, a trajetória comum de um músico iniciante era primeiro lançar uma fita-demo com quatro ou cinco músicas para que as pessoas conhecessem o conceito do trabalho. Só depois disso era aceitável pensar em um disco cheio. Foi mais ou menos o que eu quis com esse EP, só adaptei esse raciocínio para um modelo condizente com os dias atuais. Além disso, me pareceu que não faria muito sentido colocar outras músicas nesse primeiro trabalho, que toda a história de falar sobre Araguari estava fechada nessas quatro faixas.

Mas eu entendo a pergunta e acho que essa teoria faz muito sentido. Acredito que a médio prazo a nova forma de se pensar em música vai sofrer algumas alterações sim. Cada vez mais os compositores pensarão nas músicas isoladamente, como singles mesmo, sem a preocupação construir um conceito ou uma identidade para um disco todo. 🌸

Foto modificada por Cécile Duchamp, disponível no myspace do artista.



“vez em quando um susto acossa os sentidos da música morna brasileira. eis um susto em prosa canção” - Alberto Infante, Diário Austral.

“as letras de música são o calo da nova geração: pouco a dizer, muito a cantar. não é o caso aqui” - Albert Chevalier, Le monde Decadence.

“todas as canções parecem apontar diretamente para o centro de nossos olhos: as imagens, a poesia suja, a estranheza, a voz dele, a voz dela” - Clarice Flor, Suplemento Palavra.

“enquanto letra o nível é altíssimo, mas não me invente de enveredar pela poesia, não seja um Antunes da vida” - Marcel Ginsber-war, News Days Poems.

“Recife não quer ser uma ilha, tal qual a Odisseia. mas por que as bandas não aportam por cá?” - Anônimo, Fã Clube.

INDICAÇÕES

POR JAIR NAVES

Uma voz errática:

Meu cantor brasileiro preferido em atividade é o Marcos Linari, do “La Carne.” Uma banda maravilhosa que, inexplicavelmente, ainda não é tão conhecida quanto deveria ser.

Um álbum para se ouvir na estrada:

Semana passada eu consegui o oitavo disco da série de bootlegs “oficiais”, por assim dizer, do Bob Dylan. O álbum chamado “Tell tale signs”, traz dezenas de b-sides e versões alternativas para músicas de alguns dos seus últimos trabalhos de estúdio. Dá pra dizer que é um disco com cheiro de estrada.

Um cinema sombreado por poesia:

O filme mais poético que eu vi há muito tempo é “Vi-ajo porque preciso, volto porque te amo”. Se estiver em cartaz em sua cidade, não deixe de assistir.

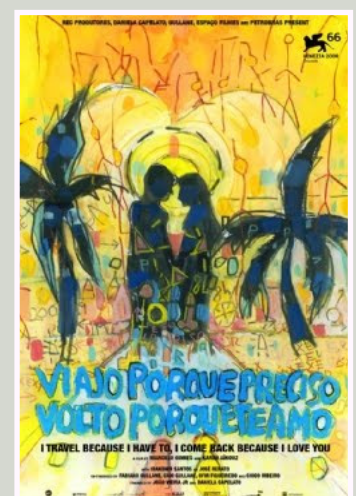
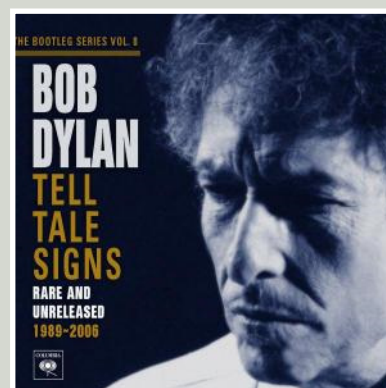


Foto modificada por Cécile Duchamp, disponível no myspace do artista.



Recife, 20 de março de 2011

Lu Brina, como quase todo mundo que eu não conheço, está prestes a gravar um álbum de verdade, o que é a verdade, me diz, abusado, um poeta que não existe, e existir, o que é?, devolvo a pergunta. As canções só existem quando lançadas.? Só existem quando ouvidas.? Existem e nós tratamos de inventá-las.? Tudo é música, apenas damos título e organizamos conforme a época.? Não sei. Música é uma arte traiçoeira. Té.

Como podemos chamá-la? Poeta, musicista, cantora, compositora, instrumentista, violoncelista? Todos esses signos apenas com a nossa audição da canção "Somos só". Que signos rodeiam a sua aura?

Meu nome completo é Luiza de Figueiredo Brina Aragon, mas vocês podem me chamar de Luiza Brina e meu signo mesmo é gêmeos. Agora, falando sério, não sei ao certo que definição usar. Sempre fui apaixonada pela música e sua diversidade sempre me interessou: procuro transitar, experimentar e conhecer melhor cada possibilidade e meio musical que me chama a atenção. Isso, por um lado, me deixa um pouco distante de um enquadramento, mas, por outro, contribui para uma aquisição de repertório, ideias, instrumentações. Mas acho que eu gosto mesmo é de fazer canção.

Em seu myspace há um número considerável de canções, mas gravadas à moda lo-fi. O que falta para termos um álbum completo?

Me deparei um dia com canções compostas guar-

dadas, vontade de colocá-las em algum outro lugar do mundo, mas sem recursos financeiros para fazer uma gravação de alta qualidade. Por isso, resolvi fazer do meu myspace uma espécie de álbum caseiro, gravando algumas canções dentro do meu quarto. Bom, e já que a coisa estava caseiramente assumida, me vi na liberdade de gravar todos os instrumentos (mesmo sem ser propriamente instrumentista), e resolvi fazer uso da falta de recursos, colocando propositalmente nas canções ruídos, chuvas, buzinas, janelas, portas, sons de fora.

Ainda sobre as canções... Gostaríamos que você nos falasse sobre as parcerias presentes nessas músicas, bem como os músicos e bandas que estão em volta do seu trabalho, presentes em sua atuação em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro.

Comecei a compor graças a uma parceria: um amigo de longe que me mandava cartas com letras para eu musicar. Gosto muito de criar em

conjunto, pois, além de achar que os diálogos, as combinações e as trocas fazem com que as canções fiquem mais ricas e bem estruturadas, me interessa também em aprender com outras pessoas sobre maneiras de compor e pensar a música. Bom, dentre todas essas parcerias estão: Guilherme Salviatti, César Lacerda, Luiz Gabriel Lopes (Graveola e o Lixo Polifônico), Raquel Dias, Filiplb_oce Isensee, Laura Lopes, Mário Andrade, Nina Aragón, Christiano de Souza, Samantha Rennó e Mafalda Rodrigues.

Conte-nos um pouco sobre a descoberta de sua voz – dulcíssima, uma –, ou melhor, de sua voz para o canto autoral.

Apesar de ter uma relação prazerosa com o canto, nunca me coloquei como cantora, e meu processo com a voz se deu a partir da necessidade de mostrar minhas canções.

Em fins de março há dois shows em sua agen-

da. Poderia nos falar sobre a concepção dessas apresentações, assim como os seus próximos passos: mais shows, menos gravações, mais voz, menos silêncio?

Nos dias 23 e 24 de março, apresento, ao lado dos parceiros e amigos Luiz Gabriel Lopes e César Lacerda, o show “Por um passado musicável – notícias numa fita”, no Teatro Café Pequeno, (Leblon, RJ). Esse projeto, pra mim, é puro carinho e vontade, pois não só admiro como sou muito apaixonada pelos meninos e seus trabalhos, posturas e visões sobre a canção (e não desistiremos jamais!). Estreamos essa parceria em agosto do ano passado, e desde então temos apresentado esse show - que tem sempre o mesmo nome, mas passa por constantes modificações - a partir das nossas novas canções, em parceria ou não. Como o Luiz mora em Belo Horizonte e eu e César moramos no Rio de Janeiro, adotamos a ideia de criar, trocar, experimentar, por email e skype. Ainda neste semestre pretendo estrear meu show solo, que vai conter, de canções que compus para minha primeira banda – MuTuM, até canções

que eu espero ainda criar antes do show. A banda que vai me acompanhar é composta por grandes amigos instrumentistas de Belo Horizonte. 🎸

Foto modificada por Cécile Duchamp, disponível no myspace do artista.



“tessitura musical emaranhada por tensão sutil: canção”

Alberto Infante, Diário Austral

“não critico bandas de myspace, gravem direito!”

Barbara Woolfer, Revista de Cinema

“é demais poema essa sua canção, demais poesia, me perdoem os teóricos que separam letra e poema: ‘somos só’ é tudo junto e mais”

Clarice Flor, Suplemento Palavra

“também sou...”

Poeta Anônimo, Clube de Literatura dos Corações Solitários do Sargento Carrero

INDICAÇÕES

POR LU BRINA

Uma voz que ecoa tal qual onda:

Laura Lopes

Um poema que range tal qual queda de árvore:

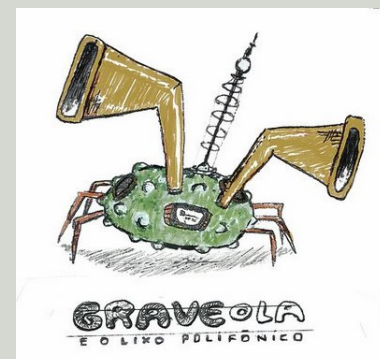
Passeio Nº 2

Um homem (sozinho como um pente)
foi visto da varanda pelos tontos
na voz ia nascendo uma árvore
aberto era seu rosto como um terreno.

(Manoel de Barros)

Uma banda inexplicavelmente simples e experimental:

Graveola e o lixo polifônico





Nuda

Recife é um beco escuro. Como se becos fossem claros. São Paulo é um beco claro. Como se becos não fossem escuros. A liberdade nos acompanha. Decifre esse enigma e terá a resenha do disco. A liberdade ainda me mata.

por Barbara Woolfer.



Romulo Fróes

Música de exportação escrita em português. Avisei ao editor que os jornais o põem como camisa 10 da nova geração. Eu não acho, mas tudo bem. A sua música é destoante da de seus pares, e, por isso mesmo, contemporânea a eles, a ninguém, a quem ainda está por vir.

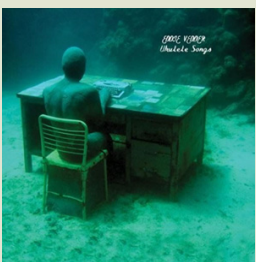
por Albert Chevalier.



Bill Callahan

Verdadeira voz americana. Diluída, caótica. Um álbum que ressoa viço e pujança por todas as faixas. A tradição dos bardos, trovadores!

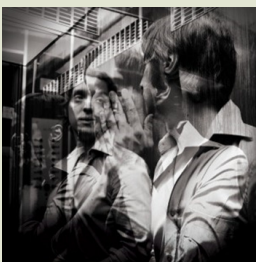
por Alberto Infante.



Eddie Vedder

Canções sentimentais. Estradas, viagens, mar e contemplação da natureza. São os temas que encantam pela voz, pelos acordes, pelo mínimo, por todos os detalhes mínimos.

por Clarice Flor.



Jair Naves

A cada nova canção lançada um novo susto. Se Fróes empunha a 10 desse imaginário time, Chevalier. Naves é o 7 torto, impreciso, desconcertante, imprevisível.

por Alberto Infante.



Diahum

Resenhar esse cara é como tatuar um dragão chinês no escuro. Ele é um mundo de referências, influências, sinônimos, adjetivos etc. Gostaria de vê-lo apenas com um violão e um par de estórias.

por Júlio Rennó.



Não moro mais em mim [coletânea]

Sei que falar em cena causa arrepios em muitos de vocês. Mas a música de nossos vizinhos ressoa em mim muito mais interessante e viva que a eterna goela abaixo da música em inglês.

por Clarice Flor.



Domenico

Composições levadas pela linguagem de um baterista que é samba e outra coisa, ruídos, romance. Sem a parceria do +2, ainda assim, um álbum à la Kassin e Moreno. Uma atmosfera que continua estranhamente pairando por essas canções.

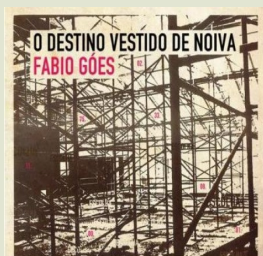
por Clarice Flor



Marcelo Camelo

O álbum soa como continuação do disco anterior, como se fosse uma segunda parte. Belas canções sentimentais inundam o caminho. Nada mais que isso. Que venha o próximo realmente *o próximo*.

por Júlio Rennó.



Fábio Góes

O segundo disco é mais dança, a par de uma companhia. Ainda assim os tons cinzas reverberam entre as faixas. Ouço a cidade inteira no álbum. A pulsação de uma misteriosa mulher, misteriosa metrópole.

por Júlio Rennó.



The Dead Superstars

Venham pra cá, garotos. Para a nossa ilha. Mostrar a esses novos *indies* o que é concisão, ritmo e rock'n'roll. Eu não sei o que é.

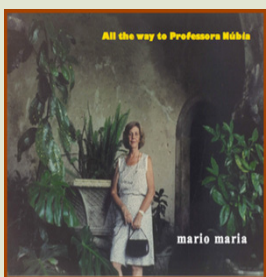
por Marcel Ginsber-war



A caravana do delírio

Piadas bem contadas. Rio e depois guardo a música. Mas pelo menos rio, pois um par de bandas que não conheço querem porque querem a ironia pela ironia. Onde fica a música? No meio da piada, dizem.

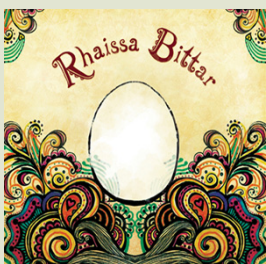
por Barbara Woolfer.



Mario Maria

Uns pedaços de experimento ainda rolam por minha cabeça. Afora isso, esperar por mais.

por Júlio Rennó.



Rhaissa Bittar

Ziguezagueou a jovem música popular brasileira. Sabe que letras não são poemas, mas nem por isso escreve qualquer bobagem para acompanhar a música. Não há *acompanhar a música*. Há, sim, música nova, sem tristeza.

por Poeta Anônimo.



Academia da Berlinda

Sambas maloqueiros, ou ultrassambas, falsos frevos. Poesia de mesa de bar.

por Poeta Anônimo.

Foto de Marcelo Lyra modificada por Cécile Duchamp



Recife, 13 de fevereiro de 2011

Conhecemos Ana Ghandra através de uma imagem, ela com um violão de aço nas mãos, nada mais comum para os novos (já velhos?) tempos de violão é sinal de folk; felizmente, ela vai além do fácil rótulo. Preguiçosos à parte, Ghandra é uma estrangeira, nós não a conhecemos, assim, essas palavras são uma tentativa mínima de conhecer a sua música. Há duas gravações suas na nossa Bootleg'10, e mais uma que pomos agora, uma gravação recente, feita por Ana em Belo Horizonte. Na próxima semana enviaremos mais entrevistas, e em março (nos seus últimos dias), tentaremos soltar a segunda edição de pq?, o nosso e-zine.

De dentro da diversidade cultural presente na música pernambucana (anunciada com um misto de orgulho e arrogância por uns e outros), como anda a voz que é a sua música, o seu estilo? Sente-se à vontade ou essa diversidade está aquém do que se apregoa?

Sempre vi o Recife muito aberto a todos os sons, e acho a cidade a cara da banda "Radiohead", por exemplo (do som deles, entende?), muito mais do que qualquer outra cidade brasileira... Porém, sinto também esta coisa de não ser cantora de música brasileira, de cultura popular... e vejo esta velha questão remetendo a Caetano, que há quase 30 anos disse: "nego-me a folclorizar o meu subdesenvolvimento em prol das necessidades estéticas", ou seja, eu cresci numa cidade pequena do interior de Minas e ouvi muito rádio, me lembro de Prince cantando "Purple Rain" e o tanto que aquilo me emocionava; também fui muito influenciada pelo meu irmão mais velho que ouvia Pink Floyd, Nirvana e Raul Seixas, esta foi minha primeira formação musical. Mas tento não dar muito peso a isso, o meu som é muito sincero comigo, pra mim isso (ainda) basta.

Foto de Marcelo Lyra modificada por Cécile Duchamp



Há, na música popular, uma tradição do cantautor(a), geralmente vinculado à voz e violão: aquele que canta o que compõe. No seu caso, além de suas próprias músicas, você costuma ter em seu setlist um par de canções de outros artistas; em geral, são músicos mais conhecidos. Gostaríamos que você falasse como se dão as escolhas, e se elas são realmente importantes no conjunto de seu repertório autoral, pois mesmo essas músicas não sendo suas, elas carregam (ou deveriam carregar) uma marca autoral nos arranjos que você elabora?

Sem dúvida é importante para mim, porque há muito sentimento nas canções que escolho, então, pra eu ter me esforçado em tirá-las no violão, aprender a letra e tal, é porque aquela canção me toca e é sempre assim depois que começo a cantá-la, ela passa a ser minha, eu me permito colocar algo meu naquilo... Adoro poder ser intérprete, recriar harmonias e fazer diálogos musicais nas canções... Faço muito isso, junto Nação Zumbi com Fela Kutí, na cover de "Ogan D Bele" (disponível para download em "Bootleg'10"),

junto Caetano quando canto "Nine out of ten", no show com "Nude as the news", de Cat Power, Gettin' Better dos Beatles com "Maria Bethânia", do mesmo Caetano... agora estou cantando muito em casa "Agora sim", de Otto, que ouvi muito nestes últimos meses, muito mesmo...

Muitas das bandas que entrevistamos estão naquele processo de ainda sem canções lançadas, ainda procurando gravar um ep ou disco. Apesar do evidente avanço tecnológico e da facilidade para gravar, quais são os principais empecilhos, ou desafios que você tem tido para conseguir colocar as suas músicas nas ruas?

É uma questão que dá pra falar de tantas coisas, vejo todo o avanço abrindo as possibilidades, os caminhos para se ser reconhecido. Se antes só havia um ou poucos (ir pro Rio ou Sampa, tentar emplacar música na novela), hoje há vários, mas nem por isso, fáceis. Porém, vejo que também o artista não pode mais só se ater ao processo cria-

tivo, ele precisa entender das linguagens técnicas (softwares, equipamentos) e do "businnes", do marketing pessoal, logística, direitos autorais, enfim... pra mim é meio complicado ter que desenrolar todas estas questões (isso se você tá no começo, sem produtora, como é o meu caso), acho um pouco desgastante, prefiro só tocar e compor... Mas tudo que gravei foi na "brodagem", os amigos emprestando gravador, computador... É punk não ter grana pra poder ensaiar com a banda, gastar todas as economias num estúdio pra depois tocar e ganhar 15 contos num show... é dureza, só o amor mesmo à música pra continuar na batalha.

Gostaríamos que você nos falasse sobre o formato voz e violão. Começando por suas referências imediatas (e as inusitadas), passando pelo seu início com o instrumento e projetando o futuro dele: ainda será sempre a voz e o violão?

Aprendi a tocar violão sozinha aos 17 anos com as revistinhas de cifras do Raul Seixas que meu irmão tinha... e sempre cantei e canto até hoje Raulzito, depois eu descobri Pearl Jam e aí foi a primeira banda que eu sabia tudo, todas as letras, todas as músicas, eu procurava pelo menos o riff pra tocar no violão... passei por tudo do rock, de Led a Rage Against, The Doors, Hendrix... Depois fui pra Universidade e aí o leque se abriu, fui ouvir muita música brasileira, a fundo mesmo, tudo do Milton, Chico Buarque, tudo do Gil, Walter Franco, Mutantes, Secos, Caetano, João Bosco e nesta época eu já compunha algumas canções mas ainda não tinha certeza, ficava só na intérprete mesmo, nas festinhas da galera... E em 2006, ainda em Minas, gravei uma demo instrumental com um amigo mexicano e aí entendi que era aquilo que queria para mim, mas ainda não sabia como...

No fim daquele mesmo ano, viajei sozinha pra Argentina e meu irmão me deu de presente um mp3 com toda a discografia de Cat Power, Nick Drake e Nico, e foi muito intenso a emoção

mais breve assim) reserva para a sua música: disco, show, parcerias etc.

Nesta batalha indie, de produzir tudo e ainda tendo que se virar pra pagar aluguel, comida e outras coisas, o caminho às vezes é mais lento do que gostaria, mas não estou me queixando não, está tudo no tempo que deve ser, o plano é este: gravar as canções com tudo, bateria, baixo, piano, flauta, trompete, ainda este ano e tocar mais, mesmo que seja voz e violão (porque muitos bares, pubs, não estão afim de desembolsar pra bancar uma banda e dividir couvert, e ganhar 15 contos cada é “pagar pra tocar”). Este ano vou tocar em Olinda, em lugares novos que estão surgindo... E pôr meu CD nas ruas... 🍷

que senti, depois já estava tocando sem parar... Questões pessoais me trouxeram pra Olinda e no final de 2008 pus a primeira letra em inglês num riff meio blues que eu ficava sempre tocando... Esta música, “Me and Nick Drake’s song” foi uma superação da noia de compor, de não conseguir criar a melodia com a voz e depois disso não parei mais... Foi muito natural compor assim, em inglês (voltando pra primeira pergunta da entrevista), tudo refletindo minhas influências inglesas e americanas para muito além do “imperialismo cultural” que tantos gostam de tachar... E há muito Milton no meu som, muito Jorge Ben, mas não preciso provar isso...

Definitivamente não será apenas voz e violão, este formato é bacana pra algumas canções, mas considero-o bem restrito, porém são estes registros que tenho por agora.

Para finalizar, gostaríamos apenas que você dedicasse essas últimas palavras para nos contar o que o futuro mais breve (e o não tão

Slowly (down)

I wanna walk on the rain

I wanna walk...slowly

I wanna stop on the rain

And I wanna stay there...slowly...down

I wanna wash me with the rain

I wanna wash...all the glory

I wanna become a rain

And change me...slowly...down

I wanna walk slowly

I wanna walk slowly...slowly down

I wanna walk...I wanna walk...slowly down

(GHANDRA, Ana. Slowly (down). 2010)

“há algo de estranho e misterioso nessas gravações lo-fi: é sempre essa voz poderosa por entre ruído e sombra”

Alberto Infante, Diário Austral

“as fusões não autorais me atraíram mais do que as mesmas canções em inglês de uma par de gente”

Barbara Woolfer, Revista de Cinema

“lenta, rua a rua, devagar, assim cresce a sua música, como a grande poesia, palavra a palavra”

Clarice Flor, Suplemento Palavra

“violão e voz me basta (me encanta), saiba”

Anônimo, Fã Clube

“desconfio das influências, desconfio da nova música repleta de influências”

Poeta Anônimo, Clube de Literatura dos Corações Solitários do Sargento Carrero

INDICAÇÕES

POR ANA GHANDRA

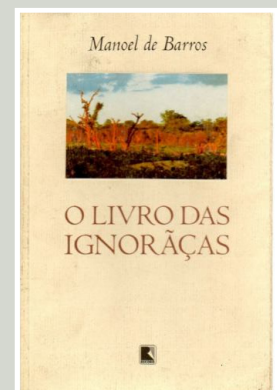
Uma banda que é quase uma orquestra em sua voz e violão:

Nick Drake (não é uma banda, mas o violão dele é orquestra)



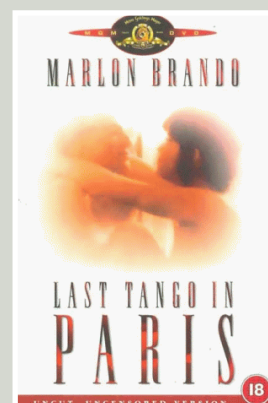
Uma voz que venha dos livros:

Jorge Luis Borges, “A história da eternidade”
e Manoel Barros, “O livro das ignoranças”.



Um ator que seja mais voz do que corpo, seja sedutor:

Marlon Brando em “Último tango em Paris”,
Javier Bardem em “Vicky Cristina Barcelona”, porém,
neste filme, ele é voz e corpo sedutores...



Daniel Liberalino

entrevista pq?

Foto modificada por Cécile Duchamp, disponível no blog do artista.



Recife, 24 de maio de 2011

Daniel Liberalino poderia representar muito bem um grupo de artistas mais ou menos desconhecidos que viram na internet um espaço para pôr as suas obras. Não há biografia nem passado para comentarmos, os links estão todos aí, as palavras caudalosas também. Divirtam-se. Nós nos divertimos...

O lançamento de seu livro “Corpúsculo num plano - e como adquirir imunidade à varíola”, na internet, é de alguma forma, uma percepção de como anda o mercado literário para autores novos?

Não, só não tenho o estoicismo, ou o espírito empreendedor, necessários para lidar com iniciativas autopromocionais mais sofisticadas. Por outro lado, pretendem lançar uma versão tangível – se bem que reduzida – do livro. Há uns 5 anos que sairá a qualquer momento. Quanto a teorizar as novas possibilidades do mercado, desencanei faz tempo; a única opinião que tenho (sincera, mas um pouco descortês) sobre auto-gestão artística é: menos Horácio, mais fellatio. Não sigo, mas tenho ciência de que no meu ramo, falta de coordenação lingual tem maior percentual de óbito que a gripe aviária. O que é irônico, porque a literatura relevante costuma vir dos lingualmente ineptos (párias mundiais como Céline, enfermos como Proust, coxinhas como Poe etc). Soa romântico, mas é um corolário do individualismo distintivo da arte; arte puramente coletivista é mitologia, e o grosso do cânon é isso. Em termos limpos, coqueteria; uma espécie

de Atacadão milenar, como cabe às instituições humanas. Não falo em defesa da “contracultura”, que é hoje a cultura e o próprio cânon, ou do anti-autoritarismo, senão algo mais geral. Sempre achei que deve haver mais obras-primas em gavetas que em bibliotecas.

Se eu fosse crítico, talvez falasse de um tom confessional presente nos textos de seu livro, como não sou, gostaria de intuir um falso tom ficcional aos mesmos... O livro funciona como um relicário, uma espécie de guarda volumes de suas memórias?

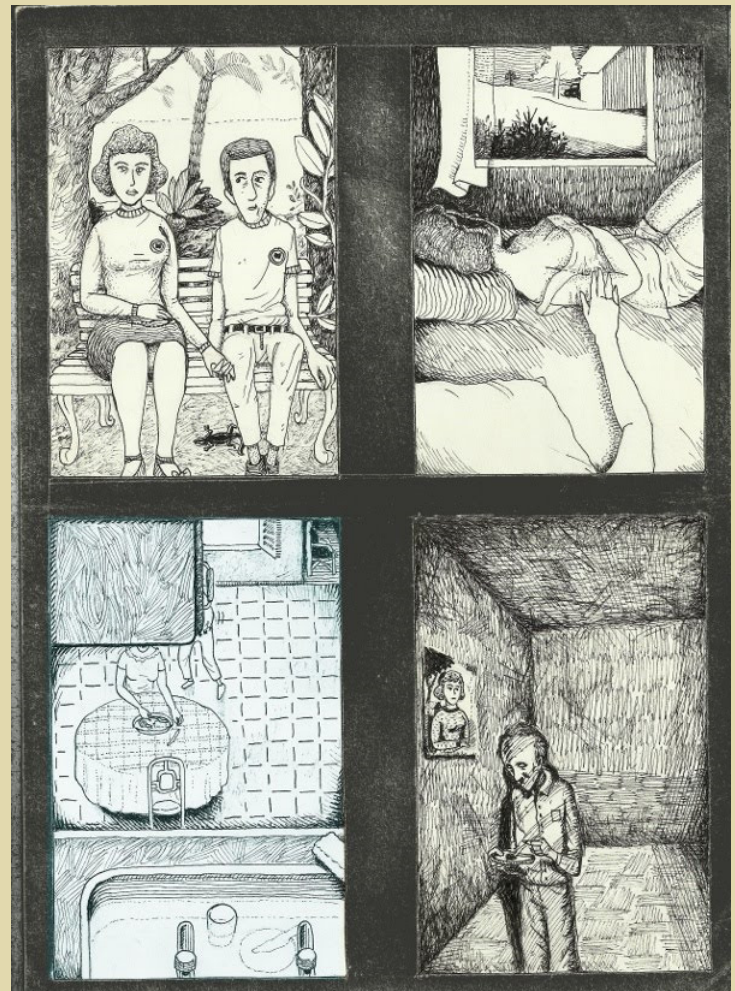
Uma vez respondi a isso, aqui (<http://disfunto-rerectil.blogspot.com/2009/03/nota-estilistica.html>). Qualquer coisa, nas mãos certas, é poesia; memórias e confissões não fariam a exceção, mas não vejo como memorialismo per se, ou confessionalismo, se qualificariam como literatura, exceto colateralmente. Seria meio auto-obcecado obrigar estranhos a ler sobre como foram minhas férias ou o meu dia. Quanto a meus textos,

cumprem uma lógica interna, embora não naquele sentido de T.S. Eliot – até onde sei, o new criticism é a simples restrição do domínio estético à idéia da completude/kalon do gago esta-girita. Quando memórias entram, são adulteradas e acessórias. No fim estou interessado em frases, basicamente, o que é mais característico de poetas, o que para mim é doloroso admitir; então sou um contista postiço. Mas entendo o apelo do confessionalismo e memorialismo; pagamos artistas para que expressem, de modo estético/confortável (porque seria cínico dizer que há textos desconfortáveis num mundo onde há linfogranuloma peniano), o que não conseguimos expressar, em virtude da afinidade humana à dissimulação, ou por limitações linguísticas, ou falta de talento etc.; razões que redundam, in extremis, uma só. Isso seria confessional, se quiser, por ter caráter extra-social, mas o “segredo” pretensamente revelado mediante uma flexibilidade expressiva aumentada – a da poesia/arte – é mais que um conjunto de memórias socialmente embaraçosas; mais filigranado e amplo, e esperançosamente um testemunho de verdade

humana – ou insira sua designação favorita para o que ocorre fora do Sacolão. Outra diferença é que redundante inútil para o autor; suas mensagens em garrafas, como diria Sting, não ferream um receptor possível, então não são comunicáveis, em última instância; não são confissões. Ao invés disso, o solipsismo aumenta e toma consciência de si mesmo, à medida que é registrado. Não que seja grave; mas, de modo geral, creio que ser uma consciência dotada de qualia é um peristaltismo de frustrações inamovíveis.

“Varzea, sleep” e “The amazing broken man” são dois desenhos seus que acabaram por dar nome a duas (novamente falsas?) bandas, a primeira composta por você somente uma canção e guitarra, e a segunda por Odorico Leal, que gravou algumas músicas, participou de trilha de seriado inglês etc. Acaso ou pensa que os seus desenhos são estranhamente musicais (se isso for possível)?

Whore, de Daniel Liberalino



Na verdade, há uma música nova do “Varzea, Sleep” e (o “e” pretensioso no final é da forma arcaica, mas o que rola mesmo é apagar) para esses dias, com participação da Orquestra de Polietileno – uma mini-orquestra. Sobre a conexão desenho-música: talvez. Consigo ver semelhanças entre o que desenho e o que componho, tom, textura, essas coisas, embora a afinidade seja mais obscura que aquela entre cinema e música, ou entre esta e a literatura, já que literatura e cinema são mais claramente rítmicos e temporais. Uma imagem, em geral menos rítmica, está congelada num presente contínuo, o que não parece tão musical. Ainda assim a relação imagem-música é canônica – Debussy fazia músicas impressionistas no século XIX, Brian Eno nos 60-80, e tem os “pintores musicais” estabelecidos.

Sobre a composição que citou, além de guitarra, usei sintetizadores (Korgs fajutos) e samples – crianças, alguns glitches, outros de sutil cunho coital. Não me deslumbro com eletrônica, mas enfim, música em geral não faz diferença hoje, se formos francos; é o ramo mais viciado e auto-

consciente. Ouvir música é como consumir drops, senão que drops ainda podem levar a sentir dor de dente, o que configura ainda algum impacto na vida do sujeito. Com eletrônica, guitarra, ou folk, a coisa anda a um tempo odontologicamente pior e existencialmente mais inócua. O pop é um paradoxo periodontal.

A sua última cria lançada foi a canção de “Varzea, Sleep”, o que há por vir agora? Mais silêncio, menos amargura, mais contemplação, duas ou três novas palavras no blog?

A canção do “Varzea, Sleep” é um esboço, mas pretendo gravar essa e outras músicas propriamente, se conseguir tempo e motivação. Também planejo finalizar duas novelas que comecei. O teor tende a ser o de sempre, espero – a mesma cantilena autocomiserativa; conforto e escapismo, alguma intensidade palpável. ❄️

Cíclades, de Daniel Liberalino



“seus desenhos soam como miragem para espelhos, enganam, entortam nossa vista. poesia imagética, eis o que firmo!”

Alberto Infante, Diário Austral.

“alguma coisa fragmentada, não sei se é arte, que coisa é”

Albert Chevalier, Le monde Decadence.

“palavras em vertigem”

Clarice Flor, Suplemento Palavra.

“filhos de Eliot, esses críticos-artistas me deixam louco/rouco”

Marcel Ginsber-war, News Days Poems.

“a melhor poesia moderna está nos desenhos, ideogramas, já a palavra em poesia está arcaica, caduca”

Poeta Anônimo, Clube de Literatura dos Corações Solitários do Sargento Carrero.

INDICAÇÕES

POR DANIEL LIBERALINO

Uma música absurda que ninguém conhece:

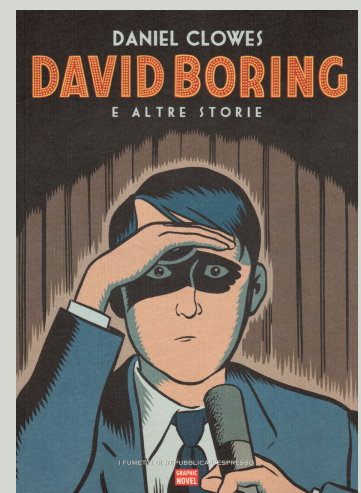
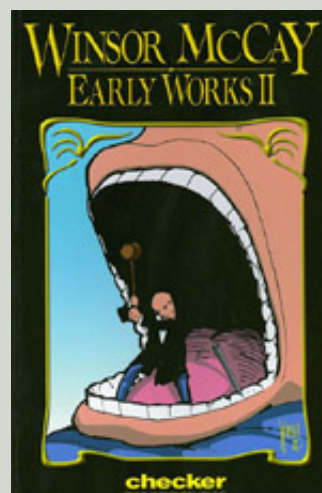
“Boy Child”, de Scott Walker.

Um porta ridicularizado pela fama:

Para ser franco, não me ocorre nenhum.

Um desenhista que é sonho e pesadelo:

Daniel Clowes e Winsor Mccay têm, às vezes, um registro surrealista/peculiar aos sonhos.



MUSICA y tapas



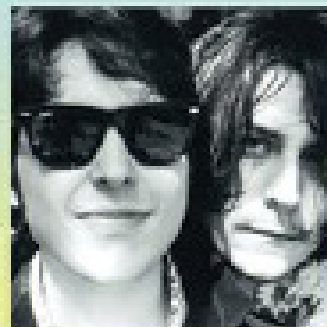
Um festival para degustar música e gastronomia.

Todas as quintas de julho no Cafe Porteño novas bandas com projetos autorais e lançamento das Tapas Espanholas - petisco típico da Espanha que acompanham bem uma boa noite.

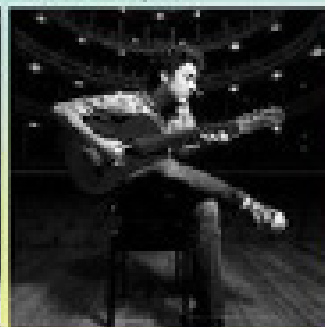
07/07
Duo Kustarica
(Zé Cafofinho)



14/07
Tagore



21/07
Vinícius Sarmiento e
Rafael Marques



28/07
Babi Jaques e
Os Sicilianos



CAFÉ PORTEÑO

Cover R\$10,00
Shows às 20h30
Rua da Hora, 712 | Espinheiro
Reservas: (81) 3077.3006

Originalidade: lugar-comum?



Foto modificada por Cécile Duchamp, retirada da internet.

O poeta e crítico Octavio Paz, no ensaio “Invenção, subdesenvolvimento e modernidade”, afirma: “O artista vive na contradição: quer imitar e inventa, quer inventar e copia. Se os artistas contemporâneos aspiram a ser originais, únicos e novos, deveriam começar por colocar entre parênteses as ideias de originalidade, personalidade e novidade: são os lugares-comuns do nosso tempo”.

Se tomarmos como artistas contemporâneos - vide as novas conjecturas do mercado musical - os produtores (e o estado em suas políticas públicas de fomento à cultura), críticos, jornalistas, blogueiros etc, além é claro, dos músicos propriamente ditos, que em face do novo mercado, tem se deparado com a necessidade de assumir funções diversas. Assim, tomando como artistas contemporâneos todos os que compõem a cadeia cultural, é de suma importância repensar os modelos vigentes, ou a pecha de “originalidade, personalidade e novidade” deve ser buscada (e alimentada) apenas pelos músicos, pelos que sobem ao palco, ou como dito, produtores e jornalistas também devem buscar (ou repensar) a pretensa originalidade de suas atividades? Será essa uma busca vã?

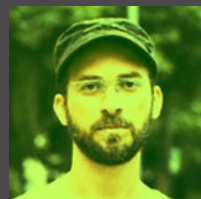


LULINA

Cantora e compositora
lulilandia.wordpress.com

Menos preocupação em parecer artista e mais preocupação em fazer a arte. Artista hoje em dia é quem faz, não é aquele que fica esperando a inspiração vir, que tem toda uma pose de gênio, que precisa do “seu espaço” para criar. O espaço do artista é o mesmo do fã, que se mistura com o do produtor, com o do jornalista. Artista virou trabalhador braçal e homem de negócios, que tem que trabalhar duro, da mesma forma que todo o resto da cadeia tem que repensar seu papel e ir além de suas funções. É bem uma coisa de teoria da evolução, se você não se adapta ao novo ambiente não vai sobreviver por muito tempo. E se adaptar não significa seguir desesperadamente cada novo modismo do mercado, como se cada caminho novo fosse a salvação, mas sim buscar cada um o seu jeito de trabalhar, numa espécie de customização de funções – o mesmo produtor pode ter funções completamente diferentes, dependendo do artista com quem trabalha ou do projeto que desenvolve.

Ao mesmo tempo em que se discutem novos formatos e ações, acredito que a originalidade vem justamente do fato de você ignorar toda essa discussão. De você se concentrar no fazer, utilizando as ferramentas que têm à mão, como se produzir sua arte fosse a coisa mais natural do mundo e que nunca dependerá de fatores externos. O fato do artista concentrar em seu apartamento tudo o que precisa para produzir – um computador, um instrumento musical, internet – cria uma geração que se importa menos com o mercado, já que depende menos dele para colocar de pé suas ideias, e por isso consegue produzir algo original, menos massificado. Nesse caminho de maior liberdade, acredito que iniciativas de crowdfunding são a solução para que produções de qualidade – em apartamentos ou em estúdios – possam se realizar. Acho que quanto menos depender do governo, melhor. Quanto menos depender de fatores externos, melhor.



LUCAS SANTTANA
Cantor e compositor
diginois.com.br

Acredito que nenhuma busca é vã, pois no mínimo o processo ou o caminho já serão relevantes. Acredito, também, que cada vez mais os arquétipos é que ficam mais rarefeitos. Todo mundo hoje é músico, DJ, jornalista, produtor cultural, fotógrafo. E acho isso positivo, porque dessa forma a ideia de que somos um grupo fica mais forte. Fica mais forte a ideia de compartilhar informação em detrimento de cada um assumir e exercer apenas o seu arquétipo profissional. Todos devem buscar a originalidade e a criatividade no que faz, um padeiro, um marceneiro, qualquer um. Isso também é o que os diferencia dos demais. Mas isso não deve ser uma obrigação, tem que ser um prazer. Não vejo diferença no ofício de um artista para o de um padeiro. Sinceramente, acredito que ambos lidam com as mesmas questões referentes à produção e ao fazer. O resto é apenas glamour.



ANDRÉ CONSERVA
Cantor e compositor
myspace.com/jeannicholas

Nenhuma busca movida por aspirações artísticas é vã. Se os produtores, críticos, jornalistas, blogueiros e etc tivessem isso em mente as coisas estariam bem melhores. Mas não é o que eu sinto nesse tipo de ambiente que se diz independente, mas na prática é tão conservador quanto o mainstream. Em pleno séc. XXI vemos a entrevista de um artista ir ao ar cortada por ele ter falado algo que poderia incomodar alguém, um blog ser pressionado a alterar o seu conteúdo por ele ser “impróprio”, e uma banda ser cortada da programação de um festival simplesmente por ter uma opinião divergente de quem o organiza. E a música onde é que fica? Perguntei isso uma vez a um famoso produtor local, que me respondeu cinicamente: “... a música é SÓ um detalhe.”



PAULIÑO NUNES
Músico
myspace.com/juliadissee

Acredito que uma originalidade plena, seja por si só uma busca vã. Prefiro pensar na busca ou na criação de uma identidade construída através de fragmentos, mosaico, colcha de retalhos. É como o tempero do feijão da Dadá, só ela sabe fazer, mas eu poderia pegar umas dicas com ela para criar o meu próprio tempero. A todo momento estamos pensando nos modelos vigentes, seja na forma que se vende música ou se lê notícias. A originalidade é uma xerox.



MARCELO COSTA
Jornalista
screamyell.com.br

Pergunta cascadura, hein. Mas vamos lá: a originalidade na arte é bastante contestável hoje em dia. Como ser original se tudo já foi feito? E tudo foi realmente feito? Eu, particularmente, acredito que sim, mas a personalidade ainda é capaz de nos surpreender. É ela, a tal personalidade, a força que move o mundo. John Lennon tocava sua guitarra de um modo que só ele tocava. Artistas covers vão tentar imitar a maneira que ele segurava a guitarra, e isso sim é cópia, uma cópia descarada, produzida para ser assim. Quando Dave Grohl (coloque aqui seu artista preferido) toca uma canção dos Beatles, essa canção dos Beatles deixa de ser deles e passa a ser do Dave Grohl. Porque é a personalidade dele tocando. Ele tem até uma memória afetiva sobre a música que está tocando, mas a toca do jeito que ele sabe (e gosta). Parece complexo, mas que tal citar uma frase de um amigo do Dave: “Eu vinha

desesperadamente tentando escrever a melhor música pop de todos os tempos. Estava basicamente querendo compor no estilo dos Pixies”. Kurt Cobain tentou copiar o modo de compor do Pixies, e fez “Smells Like a Teen Spirit”. Ela é Pixies? Não. Ele se inspirou no Pixies e fez algo original, porque era ele compondo como Pixies. Se fosse o Frank Black seria uma canção do Pixies. Um outro exemplo: costumo dizer que as músicas do Lobão ficam diferentes das versões dele e iguais entre si: a versão do Cazuza lembra a da Marina que lembra x que lembra y, e nenhuma delas lembra Lobão. Então voltamos ao início: buscar a originalidade é uma busca vã? Não, basta ser você mesmo. O problema é que no mundo moderno, a grande maioria das pessoas não quer ser ela mesma, mas um outro alguém. Esquecendo a personalidade, a originalidade morre. E dá-lhe um exército de clones. Parece que o mundo caminha para isso... a passos largos.

festival **pq?**

III
RAFAEL GARCIA DIRETOR ARTISTICO

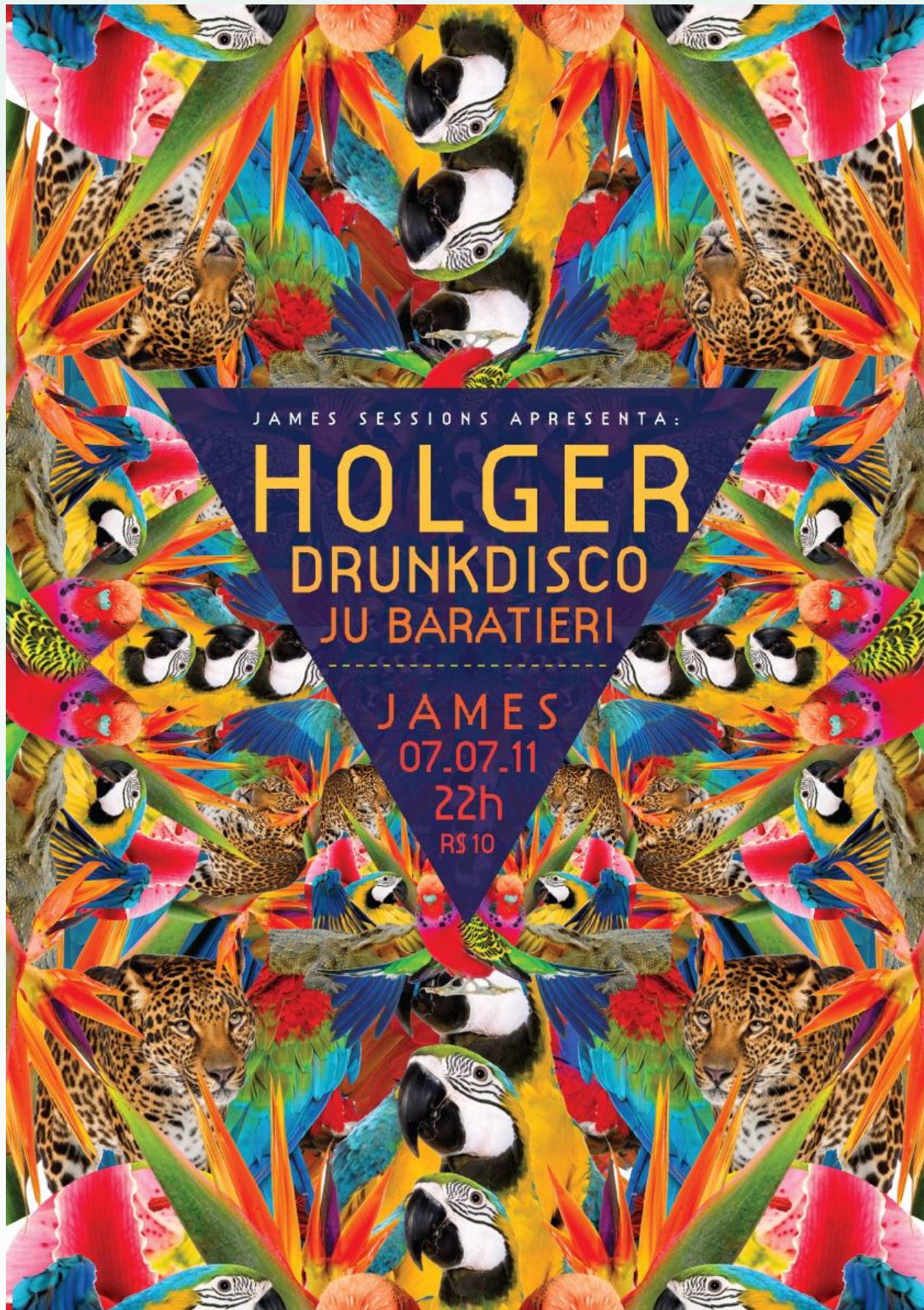
VIRTUOSI
DE
GRAVATÁ

200 ANOS DO NASCIMENTO DE LISZT [1811-1886]

09 A 17 DE JULHO
NA IGREJA MATRIZ DE SANT'ANA

ADRIANA CLIS, ADRIANE QUEIROZ,
ALEXANDER HRUSTEVICH, BENJAMIN SUNG,
DMITRI BERLINSKY, GERMAN MARCANO,
GILBERTO CHAVES, JIHYE CHANG,
NATALIA KHOMA, ORQUESTRA DO FESTIVAL,
RAFAEL ALTINO, SIMON GOLLO,
VICTOR ASUNCION
& VOLODYMYR VYNNYTSKY

<http://www.virtuosi.com.br/>



XV (EXCERTO)

no papel (muito branco) sobre a mesa
as letras (muito pretas) vão dançando
com círculos e traços (suas formas)
indefiníveis como o que eu escrevo

o poema vivido (e não escrito)
tem suas luzes próprias (suas cores)
seu sentido (que só eu compreendo)
sua lógica azul como a loucura

o poema é o ópio do poeta
e a erva do leitor que através dele
vê o mundo com olhos diferentes
ou mais cores e sons (mais poesia)
mais extensão e mais profundidade
(como ele é mesmo) em todo o seu mistério

(ACCIOLY, Marcus. *Sísifo*. São Paulo: Quiron, 1972)

(SEM TÍTULO)

e quando os barcos vão
quando as marés se findam
quando os homens dizem adeus às ilhas
a onda faz do mar um aceno
e das nossas mãos o limite líquido da partida
mar, fim do que é ilha

(WAGNER, Pietro. (Sem título). In: ANDRADE, Fábio (org.). *Antologia da Poesia Hermética: Apêndice de A transparência impossível: lírica e hermetismo na poesia brasileira atual*. Recife: UFPE, 2008)

DEVENIR, DEVIR

Término de leitura
de um livro de poemas
não pode ser o ponto final.

Também não pode ser
a pacatez burguesa do
ponto seguimento.

Meta desejável:
alcançar o
ponto de ebulição.

Morro e transformo-me.

Leitor, eu te repropunho
a legenda de Goethe:
Morre e devém

Morre e transforma-te.

(SALOMÃO. Waly. *Devenir, devir*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/wsalomao.html#poesia>)

ARCOS

Quem canta nas ourelas do papel?
De braços, inclinado sobre o rio
de imagens, me vejo, lento e só,
ao longe de mim mesmo: ó letras puras,
constelação de signos, incisões
na carne do tempo, ó escritura,
risca na água!

Vou entre verdores
enlaçados, adentro transparências,
entre ilhas avanço pelo rio,
pelo rio feliz que se desliza
e não transcorre, liso pensamento.
Me afasto de mim mesmo, me detenho
sem deter-me nessa margem, sigo
rio abaixo, entre arcos de enlaçadas
imagens, o rio pensativo.

Sigo, me espero além, vou-me ao encontro,
rio feliz que enlaça e desenlaça
um momento de sol entre dois olmos,
sobre a polida pedra se demora
e se desprende de si mesmo e segue,
rio abaixo, ao encontro de si mesmo.

Asueto (1939-1944)

(PAZ, Octavio. *Arcos*. Tradução de Haroldo de Campos. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/mexico/octavio_paz.html)

Breve Comentário sobre *Dia de Folga*, de Jean-Jacques Sempé

Foto: Coletivo Mambembe



*Aprendi com meu filho de 10 anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi.
Oswald de Andrade[1]*

A poesia – posta aos olhos das crianças – guarda em sua linguagem o lugar propício para a descoberta, o fascínio, a surpresa. Talvez por isso, não é de causar nenhum espanto o crescente interesse de poetas (do cânone literário ou não) em criar poemas voltados às crianças. Visto que, Segundo Lajolo & Zilberman (2007), a poesia mais recente alcança certo amadurecimento estético ao se contrapor ao poema didático, de recorte pedagógico, algo tão comum, para ficarmos num exemplo famoso, na obra de Olavo Bilac. “Até a década de 60, a poesia infantil brasileira guardava resquícios parnasianos, quer pelo conservadorismo formal, quer pelo seu compromisso com a pedagogia.”[2] Nesse mesmo caminho, as autoras reforçam a afirmação de que a recente poesia infantil busca, em sua forma de tratar a linguagem e poética particulares, um modo extremamente rico em sugestões poéticas, abordagem de temas, escolha das personagens e cenários, forma narrativa, uso da metalinguagem, aproximação com o surreal e o fantástico, entre outras

escolhas; assim, encaram a poesia feita aos mais jovens numa perspectiva diferente, pois afirmam que “a primeira marca dessa poesia infantil mais recente é o abandono da tradição didática que, por um largo tempo, transformou o poema para crianças em veículo privilegiado de conselhos, ensinamentos e normas.”[3] Assim sendo, os poemas de *Dia de folga*[4], do poeta francês Jaques Prévert, lançado no Brasil em 2004, e adotado pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola, do Ministério da Educação, na edição de 2005, são uma obra de extrema sutileza no trato com a palavra, rica em significados, que tratam do dia a dia de maneira particularmente original. O livro é dotado tanto de achados poéticos quanto de humor peculiar, nele vemos, segundo Silviano Santiago (2010), “poemas de execução simples e calculada, onde ressaltam as cores cinzas do cotidiano, os meios-tons do humor e o colorido berrante do sarcasmo.”[5]

A edição que comentaremos foi ilustrada por Wim Hofman e traduzida por Carlito Azevedo. *Dia de folga* (2004) não é um livro originalmente escrito para crianças, mas o ilustrador holandês, autor premiado em literatura infantil, selecionou os poemas em torno de uma mesma temática, em que a imagem do pássaro assume papel de

grande relevância, já que surge de diversas maneiras e em diferentes momentos do livro. Gatos, Baleias e Caramujos também habitam o mundo imaginado pelo poeta, seja no plano da personificação ou da metalinguagem associada ao já referido humor e a um certo comentário irônico-debochado do homem, em suma, de seu cotidiano. As ilustrações, todas em preto-e-branco, são sugestivas, de forma alguma tolhem a criatividade da criança, pelo contrário, apenas as instigam a criarem as suas próprias imagens via o poema que leem, aos versos que vão ganhando cores e significados ao passo da leitura, portanto, os pássaros de Prévert são pretos, brancos, amarelos, vermelhos, enfim, das cores da imaginação.

A seguir, faremos breves comentários a partir de excertos do poema *Para fazer o retrato de um pássaro*, publicado originalmente no livro *Paroles* (1945). Trata-se do poema de abertura da coletânea.

*Primeiro pintar uma gaiola
com a porta aberta
depois pintar*

*num bosque
ou numa floresta
esconder-se atrás da árvore
sem dar um pio
sem mover um dedo...*

Nesse momento, o poema continua em forma narrativa apresentando novos elementos, sugerindo novos passos ao leitor-criador, e assim, acrescenta o “jardim”, o “bosque”, a “floresta” e a “árvore”, ou seja, põe um cenário para a pintura que está a fazer, e como antes, elenca palavras de um mesmo campo semântico. E o mistério vai sendo aos poucos revelado:

*Às vezes o pássaro chega sem demora
mas pode também levar longos anos
até se decidir
Não se abater
esperar
esperar anos e anos se preciso
pois a rapidez ou a demora*

*qualquer coisa de bonito
qualquer coisa de simples
qualquer coisa de belo
qualquer coisa de útil...
para o pássaro*

Prévert sabiamente convida o leitor – em nosso caso, imaginemos a criança lendo o primeiro poema do livro – a fazer parte da criação, ao passo que o poeta constrói os versos brancos, o leitor vê sob a sua leitura a criação dessa estranha gaiola, essa que deve ser feita com a porta aberta. E dessa forma, podemos também associar a liberdade dos versos brancos à liberdade advinda da ideia de uma gaiola aberta. A anáfora presente em “qualquer coisa”, além da aproximação semântica de palavras como “bonito” e “belo” vão dando corpo à casa “útil” e “simples” que o poeta sugere para o ainda misterioso pássaro; e segue:

*depois pendurar a tela numa árvore
num jardim*

*do pássaro não têm nada a ver
com o sucesso do quadro*

Aqui, o poeta fala claramente ao leitor: “não se abater”, “esperar anos e anos se preciso”, e, de certa forma, também fala aos artistas em geral, aos poetas, aos pintores, pois a arte não necessita de pressa, deve vir aos poucos, criada passo a passo, pensada verso a verso, traço a traço. E adverte:

*Quando o pássaro chegar
se chegar
manter o mais profundo silêncio
esperar que o pássaro entre na gaiola
e quando entrar
fechar suavemente a porta com o pincel
depois
apagar uma a uma todas as grades
tomando cuidado para não tocar sem querer nas
[penas do pássaro*

Temos então, nesses versos, a possível chegada do pássaro, da beleza, mas em conta do cuidado, do silêncio, pois o leitor-pintor não deve, depois dessa empreitada, estar distraído, em vias de estragar a sua criação; nesse momento, podemos abaixar o tom da voz, diminuindo o barulho da leitura, já que não desejamos (os leitores) espantar o misterioso pássaro:

*Fazer depois o retrato da árvore
reservando o galho mais belo de todos
para o pássaro
pintar ainda a folhagem verde e o frescor do vento
a poeira do sol
e o rumor dos insetos na relva no calor do verão
depois é só esperar que o pássaro comece a cantar
Se o pássaro não cantar
é mau sinal
sinal de que o quadro é mau
mas se cantar bom sinal
sinal de que pode assiná-lo
Então você deve arrancar devagarinho
uma das penas do pássaro*

e escrever seu nome num canto do quadro.

Assim sendo, completada a pintura com o retrato da árvore, temos através da aproximação de termos um verdadeiro quadro poético, em que a sugestão da narrativa em forma de poema constrói, de forma delicada, uma falsa prisão, já que a gaiola de portas abertas não é prisão, é casa da arte, poesia e pintura, a criada pelo poeta, a imaginada pelo leitor, que sendo (ou tornando-se) uma criança, estará eternamente assinando o seu nome num canto de quadro, basta apenas, como visto no poema, estar atento ao canto do pássaro.

O nosso breve comentário não teve como objetivo obter uma interpretação precisa de vários elementos passíveis de análise, e que estão presentes no poema, ou seja, através da escansão dos versos, contagem das sílabas poéticas, análise minuciosa de cada figura de linguagem, longe disso, pretendemos, assim como o poeta, mas de maneira despreziosa, deixar um ar de vaguidão e incompletude; em seu caso, a imaginação do leitor foi convidada a tomar as rédeas do poe-

ma, no nosso, será as da interpretação, coisa que certamente é incomum em análises literárias, mas se, em palavras do crítico César Leal (1977) [6]:

a “análise sintática (essencialmente descritiva e semi-estatística do poema), contagem das vogais e consoantes que se repetem, das sílabas e dos epítetos”. Se o poema é apenas isto, Rimbaud tinha razão: “A poesia é uma estupidez”.

Logo, embriagados pelo humor e ironia presentes na obra poética de Jaques Prévert, deixamos em aberto essa nossa obra em progresso. 🎨

CARLOS GOMES

é estudante de Letras e prepara monografia sobre o épico contemporâneo. Autor da epopeia *êxodo*, (2011), também escreve contos, música e mantém uma parceria em Literatura Infantil (Gomes & Maia), com mais três livros inéditos.

Publicado originalmente em: <http://www.escriitoresetal.com.br/site/carlos-gomes/>

CITAÇÕES

- [1] ANDRADE, Oswald de. *Poesia reunida*. In: LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira, História e Histórias*. São Paulo: Ática, 2007.
- [2] LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A ruptura com a poética tradicional*. In: *Literatura Infantil Brasileira, História e Histórias*. São Paulo: Ática, 2007.
- [3] Ibidem. p.144
- [4] PRÉVERT, Jaques. *Dias de folga*. Tradução de Carlito Azevedo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- [5] CALIGRAMA, Belo Horizonte, v.15, n.1, p. 11-25, 2010.
- [6] LEAL, César. In: ACCIOLY, Marcus. *Poética – Pré-manifesto ou Anteprojeto do Realismo Épico*. 1ª Ed. Recife: Editora Universitária, 1977.

REFERÊNCIAS

- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira, História e Histórias*. São Paulo: Ática, 2007.
- PRÉVERT, Jaques. *Dias de folga*. Tradução de Carlito Azevedo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- SANTIAGO, Silviano. In: *FALEIROS, A. S. Revista CALIGRAMA – Literatura e Tradução*, Belo Horizonte, v.15, n.1, p. 11-25, 2010.
- ACCIOLY, Marcus. *Poética – Pré-manifesto ou Anteprojeto do Realismo Épico*. 1ª Ed. Recife: Editora Universitária, 1977.

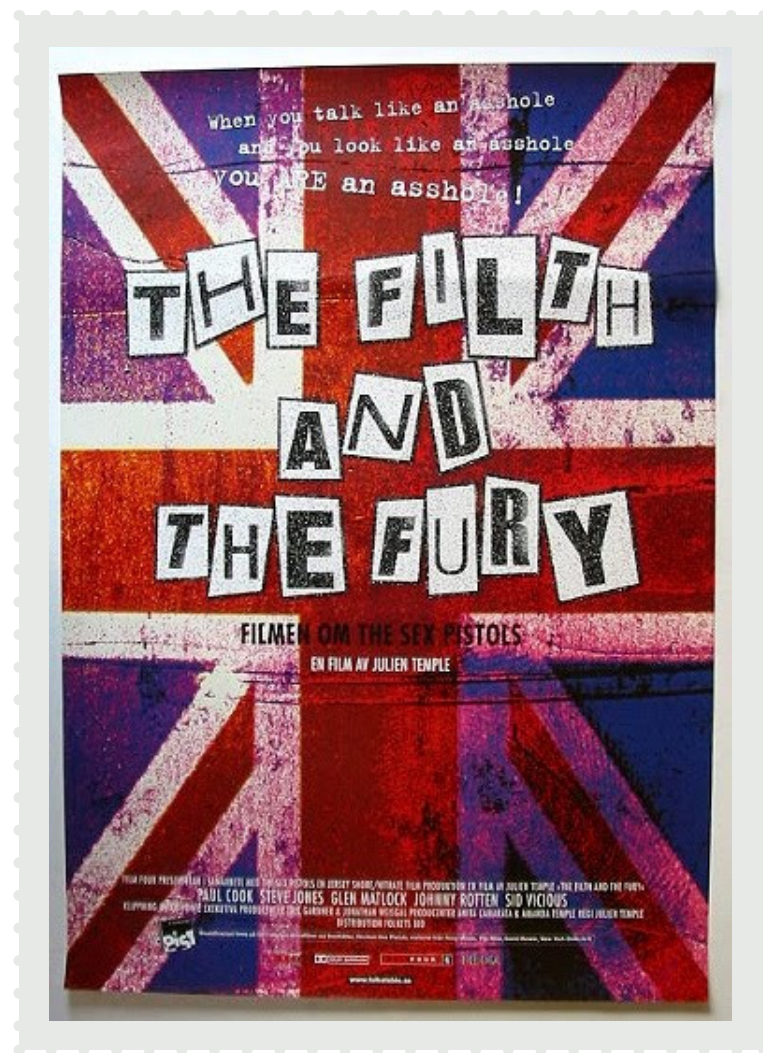
O SOM E A FÚRIA¹

Quatro jovens em um palco, entoando os primeiros acordes de “Whatcha gonna do about it?”... Ora, certamente eles estão usando ternos, e logo estarão declamando “Eu quero que você saiba que eu lhe amo, querida. Quero que você saiba que eu me importo”. Estamos nos anos 60, na capital inglesa e estes são os Small Faces. Certo?

Errado. Continuamos em Londres, mas em 1975. Agora, muito mais lixo nas ruas e uma insatisfação cada vez maior por parte da população. Dez anos se passaram desde o lançamento do primeiro single daqueles que foram um dos principais símbolos mod do Reino Unido. Chegava a hora de uma nova geração ganhar sentido. Naquele momento, em um pequeno espaço da Saint Martin’s College, um outro quarteto fazia sua primeira apresentação. Os acordes eram os mesmos, mas

as roupas rasgadas e a guitarra completamente distorcida já antecipavam o que os grunhidos de seu vocalista viriam abertamente declarar: “[...] saiba que eu lhe odeio, querida. [...] saiba que eu não me importo”. Agora são a sujeira e a raiva, por muito contida pelos habitantes dos bairros da working class londrina, que invadem também as suas músicas, e será justamente este cenário, determinante para o surgimento dos Sex Pistols e o instante em que começava a se disseminar a cultura punk na Inglaterra, o escolhido para o tema do filme *O Lixo e a Fúria* (2000).

Tendo sido uma espécie cinegrafista particular dos Pistols no início da carreira, não surpreende que mais este filme sobre eles receba a assinatura de Julien Temple na direção. Vinte anos após o lançamento de *The Great Rock ‘n’ Roll Swindle*, bastante criticado pelos integrantes, especialmente John Lydon (aka Johnny Rotten), por acharem que o filme apenas retratava a versão do empresário Malcom McLaren sobre a história da banda, lhes é dado o direito de resposta. A partir de imagens de arquivo (boa parte registrada pelo



próprio Temple), antigas e recentes entrevistas com os músicos e diversas colagens de cenas retiradas de programas de televisão da época, comerciais, animações, etc., Temple remonta a mesma história contada no filme anterior, agora seguindo a perspectiva dos integrantes.

As declarações de McLaren sobre o assunto dizem que a banda surgira a partir de um novo conceito seu, junto com a designer Vivienne Westwood, de usar as pessoas para expor suas obras de arte. Toda a vestimenta, sonoridade e postura dos Sex Pistols seriam, portanto, um produto da sua criatividade e os garotos, apenas marionetes que ele levaria aonde quer que entendesse. Para confrontar os argumentos da banda com os do empresário, o principal recurso utilizado fora fazer um apanhado histórico do momento vivido pelos então jovens de classe operária antes de formarem a banda (antes da interferência de McLaren), a fim de explicar os motivos que os levavam a certos comportamentos e atitudes pelos quais suas imagens foram imortalizadas.

Entre os discursos ora raivosos, ora emocionados do vocalista John Lydon, somos apresentados à realidade e às agitações de uma Londres caótica que, cada vez mais, caminhava em direção ao conservadorismo da era Thatcher. Além de, obviamente, fazer um apanhado completo sobre a trajetória do grupo, desde a infância de cada um dos integrantes até a turnê americana que marcaria o fim de sua carreira (onde são usadas as imagens do longa de estréia de Lech Kowalski, *Dead on Arrival*), Julien Temple se preocupará em mostrar como toda a confusão presente na cidade durante os anos do enfraquecimento definitivo do partido trabalhista fora decisiva para determinar a quantidade de sujeira e descontentamento que seriam incorporados pelo som da banda. Será, então, usando as imagens dos conflitos dos trabalhadores, da greve do recolhimento do lixo e de todos os problemas que afligiam o país entre os anos de 1975 e 1978, que o filme conseguirá provar: os grunhidos e desafinos de Johnny Rotten faziam todo o sentido.

CITAÇÕES

[1] *The Sound and the Fury* é o título original de um romance de 1929, escrito por William Faulkner, que se viria de inspiração ao título de uma matéria do jornal *The Daily Mirror* sobre os Pistols, que, por sua vez, inspirara o título do filme.



Marina Silva

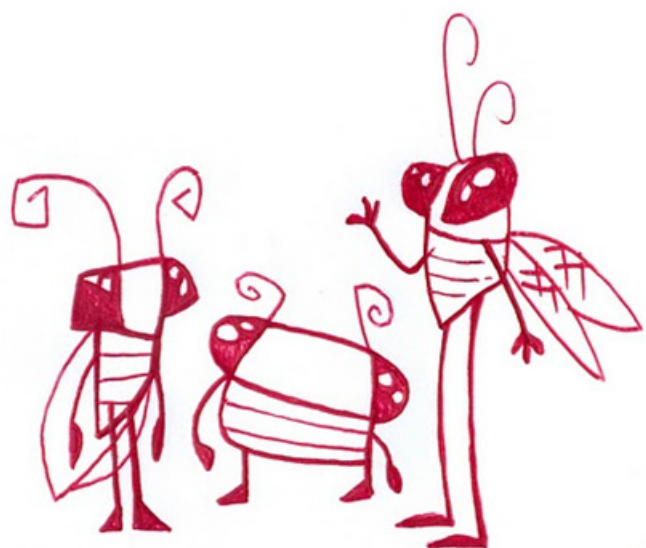
é estudante de Cinema e faz parte da banda Team. Radio.

Publicado originalmente em: <http://luziacinemaufpe.blogspot.com/2010/07/o-som-e-furia-por-marina-paula.html>

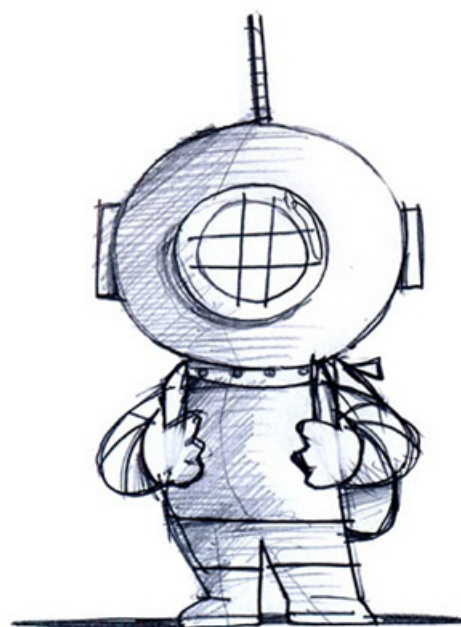




Murilo Silva



Baratas



Volta



MURILLO

Músicos de Brehmem



Mímico Humanóide



Primeira Tacada



Cabeça Feita



Luiz Paixão

Site do artista: <http://esferografias.blogspot.com/>

Jean-Jacques Sempé



<http://editora.cosacnaify.com.br/Autor/1274/Semp%C3%A9.aspx>